

Babel tupiniquim

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

Iraí Pereira dos Santos levou os dois sofás, quatro painéis, dois pratos, um guarda-roupa e a Bíblia de capa preta meio desbotada. Aos 39 anos, é só o que a faxineira conseguiu na vida. Conta que foi despejada do barraco em que morava na QNN 7 de Ceilândia. A vizinha dela, uma moça de 29 anos, nem sofá possui. Carregou o colchão velho e trouxe o filho recém-nascido no colo. Os três mais velhos ficaram com a avó. "Morava de aluguel, mas agora não tenho como pagar", jura.

Do outro lado, o pastor da Igreja Primitiva prega debaixo do sol esturricante. São 16h. Brada o nome do Senhor. Grita. E garante aos fiéis: "*Deus vai te dar a vitória ainda nessa tarde.*" Próximo à igreja, mulheres fazem as unhas. Promoção do dia: R\$ 1,99 pé e mão. Há quem prefira cortar o cabelo. O salão está lotado. Existe fila. Na lanchonete, o cartaz também avisa oferta imperdível: refrigerante e x-burger por apenas R\$ 1,50. E há ainda os que anotam no caderninho *de fiado*. "Só pra quem a gente confia", avisa a filha do dono.

O pastor José Lima, de outra igreja, a recém-fundada Assembleia Alfa e Ômega, não vê a hora de erguer o templo. Por enquanto, nem cadeira tem. "Será um lugar para salvar almas do fogo do inferno", avisa o paraense de 26 anos. O pastor chegou ao novo endereço há apenas dois dias. Mora na parte — digamos assim — mais pobre da cidade. Está instalado na Avenida das Flores, onde crianças soltam pipas e mulheres passam café em fogões improvisados.

A cidade ferve. Por ela circulam carros — mais precisamente 215, cadastrados até à tarde de ontem — e "moram" cerca de 4,5 mil pessoas, entre adultos e crianças, divididos em 1.500 barracos. Detalhe: a cidade só existe há apenas 22 dias. E não pára de crescer. Onde fica a tal cidade? Ao lado da Administração Regional de Ceilândia, mais precisamente na Praça do Trabalhador. Pura ironia.

VELOCIDADE

Ali, no meio do nada, entre poucos bancos e algumas árvores, famílias inteiras se amontoam. Em nome do Movimento dos Sem-Teto de Ceilândia, acamparam no local e só prometem sair dali quando o governo lhes garantir um lote. "Todo cidadão tem direito à moradia. É constitucional", diz o líder do grupo, o funcionário da Câmara Legislativa Elton Barbosa da Silva, de 35 anos.

Em nome do "sagrado direito à moradia", as pessoas não param

de chegar. Só na manhã de ontem, pelo menos 30 novos barracos foram erguidos. A velocidade com que erguem "suas casas" é impressionante. Bastam alguns pedaços de madeira e uma lona de plástico preta. Às vezes, até mesmo uma barracinha de *camping*.

Elton, um homem mirrado, falante e bom de papo, é ovacionado pelos moradores da nova cidade. É ele quem comanda o movimento. As pessoas o escutam. Aplaudem-no a cada frase de efeito. "Se o governo quiser, tem como assentar todas essas pessoas. Temos estudos que comprovam isso. Se eles não têm competência pra fazer, me chama que eu faço", garante ele. E um recado para o governador: "Aqui todos nós votamos nele. Se Roriz não nos atender, serão pelo menos cinco mil pessoas contra ele."

O líder de gravata azul e camisa cor de goiaba é mais incisivo: "Quem não vestir a nossa camisa, corre o risco de ficar pelado em 2002." Mais uma vez é aplaudido. O homem que mede pouco mais de 1,60 metro se agiganta. O povo realmente o elegeu como porta-voz.

DOAÇÕES

Sem banheiro e sem água — a Administração Regional de Ceilândia os proibiu de usar o banheiro da instituição e cortou a água de fora — os acampados contam com ajuda de alguns comerciantes e igrejas da redondeza. A comida vem de doação. Há café da manhã, almoço e janta. "As pessoas daqui entendem nossa manifestação", garante Elton. Não é bem verdade. "Eles acabaram com a praça. Soube que ali tem gente até de Goiânia", diz uma comerciante, que preferiu não se identificar.

No início da tarde de ontem, o almoço foi servido. Uma gente faminta, debaixo do sol, se juntou para consumir 60 quilos de arroz, 20 quilos de feijão, 30 pacotes de macarrão e 45 quilos de carne. "Enquanto o governo não resolver nosso problema, ficaremos aqui, dias, meses, anos. Não importa o tempo. E vai ter comida pra todo mundo que chegar", insiste Elton. Mais uma vez é aplaudido.

Iraí, a mulher que só tem um guarda-roupa e a Bíblia, saciou a fome. Enquanto ela comia, ao lado do seu barraco, mais dois eram erguidos. Em meia hora, mais duas casas na Avenida das Flores. "Tenho inscrição no Idhab há 25 anos e nunca ganhei um lote. Não saio daqui até que o governo me dê o que tenho direito. Se derrubar, faço de novo e de novo", promete o enfurecido vizinho de Iraí. Os outros fazem coro. Iraí se anima. E pensa a mesma coisa: "Cansei de perambular. Daqui só pro meu lote."

A novela está apenas começando...

Fotos: Lúdauro Gomes



FILA DO ALMOÇO NA PRAÇA DO TRABALHADOR: DOAÇÕES GARANTEM ALIMENTAÇÃO DE MAIS DE 4,5 MIL PESSOAS